

ANDRE MALRAUX NO "PAÍS DA ESPERANÇA"

MARIA TERESA DE FREITAS (USP)

Brasil, março de 1988. Na seção "Livros: lançamento do mês" os jornais de todo o país publicam: O Caminho Real, romance, André Malraux. Nas páginas de crítica literária dos mesmos jornais, as expressões de regozijo acumulam-se; o leitor brasileiro poderá enfim "retomar contacto com André Malraux"; havia já há algum tempo que suas obras traduzidas em Português encontravam-se esgotadas, sem que se soubesse bem porquê.

Mas... teria o leitor brasileiro realmente perdido esse contacto? Ao que tudo indica, não - ou, pelo menos, não totalmente. E o que pôde, em todo caso, recentemente revelar a publicação - e, é óbvio, a repercussão - no Brasil de alguns ensaios ou artigos sobre a vida e a obra do grande escritor e homem público francês, sobretudo por ocasião do décimo aniversário de sua morte, em fins de 1986, que aliás foi objeto de várias homenagens intelectuais em algumas capitais do país. Pôde-se então constatar que uma boa parte do público leitor brasileiro de nível universitário conhece pelo menos o "autor de *La Condition Humaine*" (*A Condição Humana*, 1933) - romance cujo sucesso permanece ainda hoje incontestável em nosso país -, ou o "Ministro

das Relações Culturais da França durante o Governo do Gal. Charles de Gaulle" - cuja visita oficial ao Brasil em 1959 teve grande repercussão nos meios intelectuais, artísticos e políticos de todo o país. Deveras conhecida igualmente, nos mais diversos meios cultivados do Brasil, é a figura do militante político e combatente de guerra contra o fascismo na Europa dos anos 30 e 40 - que suscitou a admiração de tantos intelectuais brasileiros -, assim como a do autor de um dos mais famosos romances políticos sobre a Guerra Civil Espanhola, *L'Espoir* (*A Esperança*, 1937) - que tão profundamente marcou a geração brasileira dos anos 30 -, ou até a do autor do controvertido livro de memórias curiosamente intitulado *Antimémoires* (*Antimemórias*, 1967) - traduzido no Brasil um ano após a sua publicação na França.

Na verdade, todos os romances de A. Malraux foram, pouco tempo depois de seu lançamento original, traduzidos em Portugal - que, por várias vezes, reteve os direitos de tradução em Língua Portuguesa -, e circularam amplamente no Brasil desde os anos 30; a repercussão, sobretudo dos três grandes "romances revolucionários" do escritor anti-fascista e anti-colonialista, seria grande, nos meios literários de um país que acabava de enfrentar uma séria convulsão política - a da Revolução de Outubro de 1930 - e onde os romancistas se lançavam a fundo nos caminhos da "literatura engajada", de tendência predominantemente marxista e humanista; assim, pode-se supor que escritores como José Lins do Rego, Rachel de Queirós, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, ou Jorge Amado, em sua missão literária de tecer uma visão crítica e combativa da sociedade brasileira da época, não tenham ignorado os romances de Malraux sobre duas das maiores e mais sangrentas revoluções da primeira metade do século, a chinesa e a espanhola. Inúmeros são os testemunhos que garantem a profunda repercussão de um livro como *La Condition Humaine*, por exemplo, sobre a sensibilidade da juventude brasileira às vésperas da Segunda Guerra Mundial; o romance, aliás, apesar da prioridade concedida a Portugal, conheceu mais de uma edição brasileira para a tradução em Português: *Unitas* e *Vecchio*, na década de 40, *Guaíra* vinte anos mais tarde, e *Abril* em 1972. *La Voie Royale* (*O Caminho real*, 1928) e *Les Conquérants* (*Os Conquistadores*, 1927) foram igualmente objeto de um contrato de tradução no Bra-

sil em 1934; embora os dados sobre esse contrato sejam atualmente deveras imprecisos, sabe-se com certeza que esses livros são amplamente conhecidos em nosso país, em diferentes meios intelectuais, tendo sido lidos em Português ou em Francês - assim como, aliás, *Le Temps du Mépris* (*Os tempo de desprezo*, 1935), *Les Noyers de l'Altenburg* (*Nogueirais do Altenburgo*, 1945), e alguns dos ensaios sobre a arte, todos constituindo textos de referência para citações nos artigos escritos sobre o autor na imprensa brasileira das mais diferentes épocas.

É assim que, quando o Ministro das Relações Culturais da França aceita o convite do Governo brasileiro para uma visita oficial ao Brasil, em agosto de 1959, os jornais do país saudarão "o escritor, o crítico de arte e o Ministro de Estado André Malraux". As personalidades que o recepcionam nas diferentes capitais que visita não poderão impedir-se de - apesar do caráter eminentemente político da visita - colocar em destaque, nos seus discursos, a importância de seus romances para os brasileiros. Assim, no Rio, é "o autor de *La Condition Humaine*" que charmará o Brasil de "o país da esperança", e que será calorosamente aplaudido por uma numerosa multidão. Em Brasília - que Malraux igualmente identificará como "a capital da esperança" ("primeira das capitais da nova civilização"), e que comparará à Acrópole sobre seu rochedo, elogiando, porém, a ousadia arquitetural que ela representa -, o chefe de Estado brasileiro Juscelino Kubitschek não esconderá sua admiração pela obra literária que contém "um dos mais dramáticos testemunhos sobre o mundo moderno" e "uma mensagem que será eternamente ouvida, mesmo quando a História não for mais a mesma". Em São Paulo, onde esse "embaxador da inteligência" - como o cognomina um jornal local - se dirá impressionado pelas artes plásticas brasileiras que conhecerá ao visitar a V Bienal de Artes Plásticas, o ministro francês será condecorado com o título de doutor honoris causa pela Universidade de São Paulo; na cerimônia de atribuição, o professor titular de Ciências Políticas, encarregado do ato, evocará em seu discurso a influência que exercearam sobre sua geração os romances revolucionários do homem que ele condecora; politizados, os alunos protestarão: daquele que, pelos romances que escrevera, era considerado pelas gerações anteriores como o

símbolo da luta contra a colonização e a opressão, eles cobram uma tomada de posição quanto à questão da independência e das torturas na Argélia. Ao fim de sua visita ao "país da esperança", na grande entrevista coletiva que então concederá à imprensa, Malraux - apesar do verdadeiro "bombardeio" por parte dos jornalistas, particularmente sobre essa controvertida questão argelina - agradecerá efusivamente a acolhida da imprensa brasileira, que ele definirá como "a mais leal" que tivera em toda a sua vida até então.

Grande foi, porém, a pressão de governos autoritários contra a divulgação de sua obra no Brasil: no mesmo ano de sua visita ao país, os Serviços Culturais do Consulado Geral da Espanha em São Paulo, conseguiam impedir a exibição do filme *Espoir* - uma preciosa adaptação cinematográfica de uma das cenas mais tocantes do livro, dirigida pelo próprio autor - na referida Bienal; o ato deveria constituir a homenagem dos organizadores do festival do cinema francês ao escritor, que aliás o havia inaugurado. Mais tarde, a feroz censura da ditadura militar no país tampouco pouparia essa obra revolucionária: a publicação de um capítulo de *L'Espoir* (o capítulo 1 da segunda parte), por ocasião da morte do autor, num semanário de oposição de São Paulo - **O Movimento** - seria sumariamente proibida. No entanto, esses atos de repressão - que na verdade não fazem senão ratificar a importância política da obra de Malraux, ressaltando o poder de convicção de seus escritos sobre suas idéias anti-fascistas - não conseguiriam impedir o acesso do leitor brasileiro a essa obra: em 1968, as **Antimémoires** conhecem sua tradução brasileira - sem portanto o intermédio de Portugal - em **Difusão Européia do Livro**; nos jornais, a acolhida favorável da crítica, como bem o mostra o artigo assinado por Leyla Perrone-Moisés, da Universidade de São Paulo, na seção Letras Francesas de **O Estado de São Paulo** de 17 de fevereiro de 1968. Em 1972, num momento de intensa repressão política no país, **La Condition Humaine** conhecia sua quarta - e, infelizmente, última - edição brasileira, numa coleção de divulgação da Editora Abril. E, em 1976, em sua reação de repúdio contra a já citada proibição da publicação do capítulo de *L'Espoir* em seu jornal, o diretor de **O Movimento** manifestava não somente sua indignação, mas também sua incompreen-

são: "a obra de Malraux - declara ele então - pode ser encontrada em qualquer livraria ou biblioteca do país".

Por conseguinte, não foi de se estranhar que, em 24 de novembro de 1976, quando os jornais franceses noticiavam o desaparecimento do escritor, o triste eco se fazia ouvir na melhor imprensa brasileira: era "o fim da busca do absoluto", escrevia o crítico literário Lourenço Dantas Mota no *O Estado de São Paulo*, iniciando com essas palavras uma retrospectiva crítica da vida e da obra desse "escritor genial que nos fez compreender melhor alguns dos mais angustiantes e dramáticos problemas de nossa época". No *Jornal da Tarde*, também de São Paulo, Reinaldo Lobo prestava igualmente sua derradeira homenagem àquele que "sobrevivera à sua própria história" tentando "reconstruir a bela união nietzcheana do cidadão-artista". No Rio, *O Globo* publicava, entre outros artigos sobre Malraux, as declarações de escritores e amigos brasileiros: Jorge Amado, Afonso Arinos, Josué Montello, Austragésilo de Athayde, todos lamentavam com pesar a perda de "um dos maiores escritores de nossa época". O *Jornal do Brasil* criticava severamente as autoridades brasileiras que impediram o Movimento de divulgar a obra de "um dos romancistas mais importantes deste século e um dos mais conhecidos combatentes contra o fascismo e o nazismo na Europa nas décadas de 30 e 40". A Academia Brasileira de Letras decidia dedicar uma seção à memória do escritor. A revista *Veja*, em seu número da semana de 19 a 8 de dezembro, trazia a público duas sólidas reportagens sobre aquele que foi, nos dizeres de Hélio Pôlvora - que assinava uma delas - "o aventureiro da tentativa de volta ao humanismo". E, no dia 12 de dezembro, *O Estado de São Paulo* organizava seu famoso Suplemento Cultural do domingo em torno do tema "André Malraux, a literatura como engajamento moral": ao lado de artigos de conhecidos críticos literários paulistas, o jornal publicava os textos dos discursos de Malraux no Brasil, uma de suas conferências na UNESCO, e trechos do célebre tratado sobre a arte *Les Voix du Silence (As Vozes do Silêncio)*, de 1954.

No entanto, os anos que se seguem verão um certo e estranho silêncio envolver gradativamente o nome do escritor. Nas livrarias, as últimas edições de seus livros em Português esgotam-se, sem que, incompreensivelmente, nenhum editor pareça demons-

trar interesse pela sua re-edição. Os textos críticos tampouco se mostram numerosos: ao já antigo ensaio de Virgílio Ferreira, André Malraux, interrogação ao destino, de 1963, suceder-se-á o texto de Lourenço Dantas Mota para a Coleção "Encanto Radical" da Editora Brasiliense, André Malraux no caminho das tentações, em 1982. No Rio, Edson Rosa da Silva fará publicar, em 1983, um aprofundado estudo sobre L'Espoir. Em 1985, quando o governo brasileiro convidava a atriz Fernanda Montenegro para ocupar o cargo de Ministro da Cultura, aproveitei a ocasião para lembrar ao leitor brasileiro uma trajetória semelhante, da arte ao poder: a de A. Malraux; era sobretudo o poder de sua arte que eu analisava ali; o artigo será publicado n'O Folhetim da Folha de São Paulo de 16 de junho de 1985. Após o que, será necessário aguardar os últimos meses de 1986 para que, sob o pretexto do décimo aniversário de sua morte, novos trabalhos sobre o escritor francês possam enfim ser publicados no Brasil: no mês de agosto, meu ensaio Literatura e História: o romance revolucionário de André Malraux - uma análise da transformação do acontecimento histórico em matéria estética na obra de ficção, a partir dos dois romances do autor que tratam da Revolução Chinesa - será lançado pela Atual em São Paulo. Durante os meses de novembro e dezembro alguns artigos de imprensa virão lembrar aos brasileiros a importância da obra de Malraux. Em 9 de dezembro, a Universidade Federal de Minas Gerais organizará uma "Jornada André Malraux", que reunirá intelectuais brasileiros especialistas da obra do escritor, com seu sobrinho e filho adotivo Alain Malraux: comunicações, filmes, uma exposição, tudo devidamente coberto pela imprensa local; na ocasião, tivemos então a oportunidade de nos perguntar - e, sobretudo, de perguntar aos editores brasileiros - quais seriam as razões pelas quais, em tão pouco tempo, o leitor brasileiro se viu privado das traduções para o Português dos livros de André Malraux.

Uma história complicada entre editoras, foi a resposta obtida. Uma Editora portuguesa - que ironicamente se chama Livros do Brasil - retém, há vários anos, os direitos de tradução em Língua Portuguesa de quase toda a obra de Malraux. Segundo nos consta - informações obtidas na própria fonte - a Editora Nova Fronteira vem, há já algum tempo, tentando negociar esses direi-

tos com sua correlata portuguesa; essa recente publicação de uma nova tradução de *La Voie Royale*, com cuja referência abri este artigo, parece representar um primeiro êxito nessas negociações. Consta também que a mesma editora brasileira deverá em breve publicar em Português aquele que é talvez um dos romances mais importantes do século: *La Condition Humaine*; as negociações nesse sentido parecem afinal estar vendo seu fim.

A nós, professores, intelectuais e pesquisadores brasileiros das mais diversas áreas, só nos resta agora fazer votos de que os editores brasileiros continuem a se re-interessar pela obra de Malraux, para que, no menor espaço de tempo possível, possa ela estar inteiramente ao alcance de todos os brasileiros. Será certamente uma importante lacuna que poderá então ser preenchida, na biblioteca de todos aqueles que, em nosso tão culturalmente sofrido "país da esperança", não lêem em Francês.

